

CÂNCER CERVICOUTERINO: CAMINHOS PARA A PREVENÇÃO

AGUIAR, Thiago Souza¹
BARBOSA, Suely da Silva¹
BONELLA, Samir da Cruz¹
LANDI, Gilbania Raphael²

1 INTRODUÇÃO

O câncer de colo do útero (CCU) é visto como questão de saúde mundial devido à grande incidência. No Brasil, a taxa de mortalidade deste tipo de câncer no ano de 2020 foi de 4,60/100.000 mulheres. O câncer de colo uterino é um tipo de câncer de evolução lenta, contudo a incidência de fatores associados como o acúmulo de responsabilidades dos jovens adultos, a baixa renda, os tabus e os preceitos culturais formam barreiras no rastreamento e justificam a incidência elevada deste tipo de câncer, que é apontado como o terceiro mais comum em mulheres brasileiras (ANJOS et al., 2022).

Estudos apontam estreita relação entre a infecção por HPV (Vírus do Papiloma Humano) e o surgimento do CCU. Entre as mulheres infectadas por HPV 32% têm os subtipos oncogênicos, ou seja, desenvolvem o CCU e cerca de 99% dos casos de câncer de colo do útero a infecção pelo vírus do papiloma humano está presente. (Silva, R.R et al.2022) (KAUFMANN et. al., 2023).

Tendo como referencia as orientações da Organização Mundial de saúde o Brasil desenvolveu políticas públicas de prevenção ao CCU, todavia apesar dos esforços do Ministério da Saúde existem muitas barreiras que dificultam a prevenção e o diagnóstico desta patologia, sendo assim o objetivo deste estudo é identificar os desafios atuais para a coleta do exame citopatológico, que é o principal método de prevenção e diagnóstico precoce do CCU, a fim de apontar direções para o aumento da prevenção do câncer uterino.

¹ Graduandas do curso de Enfermagem da Faculdade Multivix Cachoeiro de Itapemirim-ES, aguiarthiagosouza@gmail.com; suelysilvabarbosa01@gmail.com; castelo3542@gmail.com

² Professora orientadora: Mestre em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local. Especialista em Terapia Intensiva e Pediátrica, Geral e Adulta e Cardiologia. Especialista em Inserção, utilização e cuidados com Cateter Venoso Central de Inserção Periférica (PICC). Docente do Curso de Graduação de Enfermagem da Faculdade Multivix Cachoeiro de Itapemirim-ES, gilbanialandi@professor.multivix.edu.br

2 MATERIAL E MÉTODOS

Tratou-se de um estudo de revisão bibliográfica sistemática com abordagem qualitativa, realizada no mês de setembro de 2023 na base de dados da Scielo (Scientific Electronic Library Online) e na biblioteca de saúde virtual (BVS) utilizando o descritor “câncer de colo do útero”. Foram selecionados cinco (05) artigos sob o critério de serem estudos nacionais, que abordavam a temática, publicados nos últimos 5 anos e que fossem realizados com a participação de equipes da enfermagem. Após a seleção dos artigos, realizou-se leitura seletiva, analítica e interpretativa dos textos a fim de organizar as informações de modo que o conteúdo extraído resultasse na resposta à problemática da pesquisa.

3 DESENVOLVIMENTO

A prevenção é a principal estratégia do Ministério da Saúde no que compete ao enfrentamento de doenças em geral. O câncer de colo do útero pode ser prevenido gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS) com a realização do exame do papanicolau por mulheres de 25 a 64 anos de idade com vida sexual ativa. Entretanto, um conjunto de fatores culturais, socioeconômico e regionais dificultam a realização do exame. Além disso, também há falta de profissionais preparados e a ausência de vínculo entre profissionais de saúde e mulheres, o que afeta diretamente a realização do exame em alguns estados brasileiros. Nesse sentido, a importância de se estudar esses fatores é a busca por um caminho para a prevenção funcional do câncer cervicouterino. (ANJOS et al., 2022).

A coleta do exame citopatológico é o principal caminho na prevenção e diagnóstico do CCU. O exame deve ser realizado em mulheres de 25 a 64 anos 1 vez por ano, após 2 resultados negativos altera-se para 1 vez a cada 3 anos.

“O rastreamento é realizado por meio do exame citopatológico, conhecido por Papanicolau, que deve ser iniciado aos 25 anos em mulheres que já iniciaram a vida sexual, e ser feito até os 64 anos, uma vez por ano e, após dois exames anuais consecutivos negativos, a cada três anos.” (CORPES, E. de F. et al. 2022).

Embora seja essa a recomendação, o estudo de Corpes et al 2022 identifica a possibilidade de que algumas mulheres podem não ser contempladas com a realização

do exame. Tendo encontrado neoplasias em mulheres em idade avançada o que contradiz as diretrizes do Ministério da saúde sugerem que após 64 anos e dois exames negativos a mulher pode ser liberada do citopatológico preventivo. Os dados do estudo apontam mulheres diagnosticadas acima desta faixa e sugere que a prática preventiva não foi realizada como deveria, uma vez que o desenvolvimento desta neoplasia é lento e facilmente diagnosticado de forma precoce.

“O aumento da idade é considerado um importante fator de risco para o desenvolvimento do câncer de colo uterino, tornando-se mais comum na faixa etária entre os 50 e 60 anos. Neste estudo houve maior concentração de neoplasia uterina em mulheres com idade entre 60 e 75 anos, podendo sugerir que algumas dessas mulheres podem não ter sido contempladas pelo programa de rastreamento, uma vez que a recomendação para o rastreamento de câncer de colo uterino ocorre entre 25 e 64 anos” (CORPES et al, 2022).

Ao analisar a importância da prevenção outro estudo indica que a tendência do CCU é de aumentar mais de 50% nos próximos anos. “Segundo a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), os casos de câncer devem aumentar em 60% até 2040. Por esse motivo, recomendam a ampliação dos serviços de tratamento e prevenção de câncer para reduzir novos casos de doença.” (KAUFMANN et al, 2023).

Nesse sentido, cabe analisar os desafios encontrados por alguns autores na prevenção do CCU. O primeiro grande desafio na prevenção é a informação confiável e o acesso à informação. Algumas mulheres só realizam o exame de prevenção devido a campanha outubro rosa. “As mulheres acreditam na obrigatoriedade da coleta no mês de outubro, por ser o período de maior representatividade para a prevenção do câncer de mama e CCU, mesmo sendo a segunda coleta realizada no ano.” (KAUFMANN et al, 2023).

De acordo com Anjos et al 2022 as informações sobre a coleta devem ser amplamente divulgadas pelas equipes de eSFe de forma ainda mais energética nas consultas de enfermagem. O nível de alfabetização pode ser um agravamento para ter-se um bom entendimento da importância do exame. Além disso, a informação, o acesso à saúde é um segundo ponto a ser tratado. O autor trata questões importantes como a carência de profissionais de saúde em algumas regiões do país, principalmente em zonas rurais, que impossibilita algumas mulheres a realizarem os exames de prevenção e ainda como fator agravante tem-se a falta de profissionalidade de profissionais, o que dificulta a criação de vínculo e automaticamente reduz a probabilidade de um acompanhamento contínuo e possível diagnóstico precoce. (ANJOS et al, 2022).

Cita-se também como o terceiro grande problema na prevenção do câncer a pandemiada COVID-19, doença causada pelo novo coronavírus, que paralisou muitas demandas da saúde da família em função do combate ao vírus letal. A pandemia forçou a reordenação de recursos públicos e implicou na paralização de algumas demandas da SF. O estudo de KAUFMANN et 2023 Também indica que no período de pandemia houve baixa adesão às coletas e aponta que embora a crise sanitária tenha passado, a demanda das coletas não fora estabilizada, ou seja, existem mulheres que não retornam para a realização do papanicolau.

Outro destaque refere-se as desigualdades entre mulheres hiper rastreadas em detrimento de outras com o diagnóstico tardio. Evidencia-se que algumas mulheres fazem uso demasiado da disponibilidade e do acesso ao acompanhamento enquanto outras buscam pela oportunidade de serem atendidas. (ANJOS, et al, 2022).

Ainda vale destacar que orientações a respeito da proteção sexual é fundamental para a prevenção da doença uterina em questão e que devem ser associadas a fortes campanhas de vacinação contra o HPV. Uma vez prevenida a infecção pelo papiloma as chances de desenvolver câncer de colo do útero são reduzidas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo permite observar que a prevenção do câncer de colo do útero é desafio no Brasil. Muitas questões são associadas a prevenção como o acesso a informação, o acesso ao serviço de saúde, a disponibilidade de profissionais, as barreiras socioculturais e as lacunas criadas pela pandemia da COVID-19.

É necessário reformulação na abordagem desta prevenção, uma vez que na atualidade há novos desafios. Um programa de rastreamento de mulheres com coleta atrasada pode significar o começo de uma atitude mais energética na busca por enfrentar o desafio causado pela pandemia. Ações de saúde voltadas a todas as faixas etárias também podem melhorar o acesso a informação segura e assim é possível caminhar em direção a um país mais prevenido no que diz respeito a prevenção do câncer de colo do útero.

5 REFERÊNCIAS

ANJOS, E. F. DOS. et al. Atuação de profissionais de saúde e qualidade das ações no controle de câncer cervicouterino: um estudo transversal. **Escola Anna Nery**, v. 26, p. e20210137, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0137>

CORPES, E. de F. et al. Repercussões da braquiterapia na qualidade de vida e funcionalidade no tratamento do câncer de colo uterino. **Cogitare Enfermagem**. [Internet]. 2022 [Acesso em "17 set 2023"]; 27. Disponível em: dx.doi.org/10.5380/ce.v27i0.80960

KAUFMANN, L. C. et al.. Repercussões da pandemia de COVID-19 no exame preventivo de câncer de colo uterino: percepção de enfermeiros. **Escola Anna Nery**, v. 27, p. e20220401, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2022-0401pt>

Ferreira, M.C et al.. Incidência e mortalidade por câncer de mama e do colo do útero em um município brasileiro. **Rev Saude Publica**. PMid:34730748. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/s1518-8787.2021055003085>

SILVA,R.R et al. Fatores Associados à não Realização de Colpocitologia Oncótica nas Capitais da Região Sul do Brasil. **Revista da AMRIGS**, Porto Alegre, 66 (3): 656-662, jul.-set. 2022. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1425022>.